

**A proficiência em língua inglesa e seu impacto em atividades do curso de Biblioteconomia: um estudo de caso com formandos da Universidade Federal do Pará**

*The proficiency in english language and its impact on activities of the library course: a case study with soon-to-be graduated students from the Universidade Federal do Pará*

 Lisandra Brandão Teles <sup>1</sup>

 Marise Teles Condurú<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (2021).

E-mail: [lisandrabrandao02@gmail.com](mailto:lisandrabrandao02@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (2012), Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), Especialista em Documentação Científica pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, (1982) e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (1980).

E-mail: [marise@ufpa.br](mailto:marise@ufpa.br)



ACESSO ABERTO

**Copyright:** Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

**Conflito de interesses:** Os autores declaram que não há conflito de interesses.

**Financiamento:** Não há.

**Declaração de Disponibilidade dos dados:** Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

**Recebido em:** 18 dez. 2023.

**Aceito em:** 27 ago. 2026.

**Publicado em:** 31 ago. 2026.

**Como citar este artigo:**

TELES, L. B.; CONDURÚ, M. T. A proficiência em língua inglesa e seu impacto em atividades do curso de Biblioteconomia: um estudo de caso com formandos da Universidade Federal do Pará. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 11, p. 1-27, 2026.

DOI: <https://doi.org/10.36517/ip.v11i.92613>.

## RESUMO

Estudo sobre a Biblioteconomia e o uso da língua inglesa, com o objetivo geral de analisar a percepção dos formandos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará (UFPA) quanto ao impacto da proficiência da língua inglesa em atividades do curso. Como objetivos específicos, buscou-se: a) identificar se os estudantes do curso de Biblioteconomia da UFPA têm buscado a proficiência na língua inglesa; b) descrever se os discentes do curso de Biblioteconomia da UFPA consideram importante para sua formação a disciplina Inglês para Bibliotecários; c) analisar se a proficiência da língua inglesa pode ser o diferencial na formação dos estudantes do curso de Biblioteconomia. Para isso, foi realizada pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo, tendo como método o estudo de caso. Constatou-se, a avaliação negativa do ensino/aprendizado do inglês na

educação básica e problemas no acesso e manutenção de cursos livres. A disciplina Inglês para Bibliotecários também não foi avaliada positivamente por 62,2% dos respondentes. Além disso, foram identificadas dificuldades com o inglês, sobretudo, na leitura/pesquisa científica, nas disciplinas Inglês para Bibliotecários e Fontes de Informação I e II. Concluiu-se que a proficiência em língua inglesa pode ser o diferencial na formação, possibilitando um melhor desempenho durante o curso.

**Palavras-chave:** ensino de biblioteconomia; formação profissional; barreiras linguísticas; língua inglesa; inglês técnico.

## ABSTRACT

Study about Librarianship and the use of the English language, with the main goal of analyzing the perception of Library Science graduates of the Universidade Federal do Pará (UFPA) regarding the impact of English language proficiency on course activities. As specific goals it sought to a) identify whether students on the Library Science

course at UFPA have sought proficiency in the English language; b) describe whether students on the Library Science course at UFPA consider the subject Inglês para Bibliotecários important for their training; c) analyze whether English language proficiency can be a differentiator in the training of Library Science students. To do that, exploratory, bibliographic and field research were carried out, using the study case method. It was found, the negative evaluation of the teaching/learning of English in basic education and problems in accessing and maintaining free courses. The subject Inglês para Bibliotecários was also not positively evaluated by 62.2% of respondents. Besides that, difficulties with English were identified, especially in reading/scientific research, in the subjects Inglês para Bibliotecários e Fontes de Informação I and II. It was concluded that a proficiency in English can be a differentiator in training, enabling better performance during the course.

**Keywords:** library education; professional training; language barriers; english language; technical english.

## 1 INTRODUÇÃO

No mundo globalizado, as fronteiras já não representam impedimentos para o estabelecimento de relações sociais. Aliadas a isso, as tecnologias de informação e comunicação viabilizam a existência da chamada sociedade da informação, caracterizada por um alto fluxo informacional. Nesse cenário, a língua inglesa possui destaque na comunicação internacional e está usualmente presente nos âmbitos econômico, político, profissional, educacional, dentre outros. Dessa forma, o aprendizado e a proficiência do inglês se tornam importantes para a inclusão em diferentes setores.

De acordo com Assis-Peterson e Cox (2007), o inglês se dissemina nas mais variadas atividades sociais, devido à necessidade de uma língua em comum para a comunicação das pessoas, que agora se reúnem também no ciberespaço. E, considerando essa questão da comunicação internacional, ampliada pelo fenômeno da globalização e da existência da internet, que gera uma grande quantidade de informações disseminadas em inglês, a Biblioteconomia, por ter como objeto de estudo e trabalho a informação, conseqüentemente, também se insere nesse cenário. Logo, o inglês aparece na literatura científica, em instrumentos da área, no uso de novas tecnologias ou para atender demandas dos usuários.

Atentando para essa questão, o uso da língua inglesa na Biblioteconomia é o tema deste artigo, que discute a necessidade do estudo do idioma para a área.

Costa e Pires (2014, p. 172) refletem sobre o assunto ao afirmar que, na “Biblioteconomia e em todas as áreas do saber humano, o conhecimento de outros idiomas é fundamental, em virtude de agregar qualificação e valorização ao profissional, especialmente ao bibliotecário”. Assim, o estudante de Biblioteconomia necessita de formação que atenda a essa conjuntura. Nesse contexto, a Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) da Universidade Federal do Pará (UFPA) oferta como obrigatória a disciplina Inglês para Bibliotecários, a fim de auxiliar os discentes com a compreensão de informações da área que estejam em língua inglesa.

Contudo, Costa e Pires (2014, p. 173) constataram que 84% dos discentes da FABIB não utilizam fontes de informação em outros idiomas e concluíram que ainda “[...] se faz necessária a conscientização por parte dos discentes de Biblioteconomia de [que] aprender outro idioma é imperativo no tocante a sua própria qualificação profissional [...]”.

Tendo em conta as argumentações acima, tem-se a seguinte questão de estudo: como os formandos da FABIB identificam a necessidade da proficiência em língua inglesa nas atividades ligadas ao curso de Biblioteconomia? Nesse caso, são consideradas as opiniões dos formandos por serem discentes que já concluíram 75% ou mais do curso e, logo, podem responder aos questionamentos de modo abrangente.

Considerando a questão de estudo, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar a percepção dos formandos de Biblioteconomia da UFPA quanto ao impacto da proficiência da língua inglesa em atividades do curso. E, quanto aos objetivos específicos, visa: a) identificar se os estudantes do curso de Biblioteconomia da UFPA têm buscado a proficiência na língua inglesa; b) descrever se os discentes do curso de Biblioteconomia da UFPA consideram importante para sua formação a disciplina Inglês para Bibliotecários; c) analisar se a proficiência da língua inglesa pode ser o diferencial na formação dos estudantes do curso de Biblioteconomia.

A motivação para o desenvolvimento deste estudo se deu em razão de a língua inglesa ser utilizada em parte das atividades ligadas ao curso de Biblioteconomia, o que pode ser um diferencial na formação do bibliotecário. Para isso, foram realizadas pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo, tendo como método o estudo de caso.

Este artigo está estruturado em seis seções. Nesta introdutória, é apresentada a contextualização do tema, a questão, os objetivos, a metodologia e a justificativa da pesquisa.

Em duas estão o referencial teórico, com as discussões sobre proficiência e a relação entre a Biblioteconomia e a língua inglesa, com maior foco na questão da presença do idioma no curso. Nas outras estão a metodologia, na qual são descritos os caminhos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa; a análise dos resultados, em que são apresentadas e analisadas as respostas obtidas no questionário aplicado aos formandos; e, por fim, as considerações finais sobre o estudo e as referências, na qual consta a listagem dos documentos que fundamentaram este artigo.

## **2 A LÍNGUA INGLESA NO MUNDO GLOBALIZADO**

Os desdobramentos históricos que levaram à proeminência do idioma hoje têm origem no começo do século XIX, quando a Grã-Bretanha assumiu uma posição de destaque industrial e comercialmente. No fim desse período, os Estados Unidos possuíam uma economia produtiva e crescente, além de contar com uma grande população, maior do que a de países da Europa Ocidental. Ainda durante esses cem anos, o imperialismo político britânico promoveu a disseminação do idioma no mundo, e já no século XX o inglês manteve esse destaque por conta da superpotência americana que se estabelecia (Crystal, 2003).

Ao ressaltar um período marcante na história do século XX e mostrar a grande influência que a língua teria, Hutchinson e Waters (1987) dissertam que, em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, houve um crescimento científico, técnico e econômico de proporção internacional, desenvolvendo uma união global. A tecnologia e o comércio despontavam, e a necessidade por uma língua internacional surgia, cabendo ao inglês essa função, principalmente por conta do poder econômico dos Estados Unidos nesse período.

Dessa forma, tem-se o inglês como língua franca e até hegemônica. Dados que corroboram com esses adjetivos são apresentados no portal Statista, no qual Johnson (2021) mostra que, no ano de 2020, o inglês foi utilizado por 25,9% dos usuários da internet, configurando-se como o idioma mais popular nesse meio. E ainda, até o momento da pesquisa, Szmigiera (2021) afirma que em torno de 1,35 bilhão de pessoas falaram inglês nativamente ou como segunda língua no mundo em 2021.

Portanto, assim como em séculos anteriores, o uso do inglês já se fazia necessário para a comunicação internacional. Os dados acima revelam que, no atual contexto da globalização, o uso do idioma é habitual, e dentre os motivos que levam ao seu uso está o profissional, que será abordado na próxima seção.

## 2.1 A proficiência em Língua Inglesa no segmento educacional e no mercado de trabalho

O uso recorrente do inglês na sociedade, como observado nos estudos de Szmigiera (2021) e Johnson (2021), não deixariam de causar reflexos no mercado de trabalho. O seu ensino, portanto:

Se antes [...] se justificava pelo discurso da ilustração, hoje ele se justifica pelo discurso pragmático da empregabilidade, que pode ser solucionado sem sair de casa, dentro de um quarto, na frente de uma tela de computador conectado à rede ou numa cidade qualquer da sociedade global (Assis-Peterson; Cox, 2007, p. 10).

Nota-se então que essa demanda pelo domínio do inglês tem uma relação direta com o segmento educacional, no qual estão as empresas privadas especializadas em ofertar cursos livres que, ainda de acordo com Assis-Peterson e Cox (2007, p. 10), se beneficiam da problemática envolvendo o ensino da língua na escola pública e “[...] reivindicam para si os métodos mais modernos, os professores mais capacitados e a garantia de domínio do inglês perfeito no menor tempo possível”. Esse domínio, ou seja, proficiência, pode ser definida “como o resultado da aprendizagem, uma meta, definida em termos de objetivos ou padrões” (Scaramucci, 2000, p. 12).

Sobre o assunto, Duarte e Braga (2010, p. 111-112) afirmam que:

[...] o domínio do inglês deve ser buscado desde cedo. De preferência começar na infância. Considerando que o domínio linguístico de uma segunda língua [...] depende tempo e dedicação, o indivíduo que almeja melhores oportunidades no mercado de trabalho deve iniciar desde a tenra infância os estudos em inglês. Desse modo, quando em processos de seleção de primeiro emprego, o jovem provavelmente já possuirá um domínio mais amplo desta língua [...].

Mas, apesar de ser importante iniciar o aprendizado do inglês durante a infância, essa não é a realidade para grande parte da população brasileira, pois dados do British Council (2014, p. 7) mostram que:

No Brasil, 5,1% da população de 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento do idioma inglês. Existem, porém, diferenças entre as gerações. Entre os mais jovens, de 18 a 24 anos, o percentual dos que afirmam falar inglês dobra, chegando a 10,3% das pessoas nessa faixa etária.

E como essa realidade pode ser vista na Biblioteconomia? A próxima seção abordará, sobretudo, que relação pode ser observada entre as duas áreas, e em especial, entre o curso de Biblioteconomia e a proficiência de inglês dos estudantes.

### 3 A RELAÇÃO ENTRE A BIBLIOTECONOMIA E A LÍNGUA INGLESA

Com o boom informacional, em um mundo globalizado e conectado por meio de avançadas tecnologias, a diversidade linguística é comum. Nessa conjuntura, a presença da língua inglesa é sólida, refletida também no mercado de trabalho.

E, assim como outras áreas, a Biblioteconomia é elemento componente desse cenário, em especial por trabalhar com recursos informacionais, visto que as competências e habilidades específicas esperadas do bibliotecário envolvem: a) valorização dos processos de geração, uso e transferência da informação; b) o manejo dos recursos e produtos de informação; c) o trabalho com fontes de informação variadas; d) a organização da informação; e) a realização de pesquisas sobre os objetos de trabalho da profissão (Brasil, 2001).

Logo, a depender do local em que atua, o profissional de Biblioteconomia, ao lidar com informações geradas pela produção do conhecimento científico, necessita estar preparado para o uso de outros idiomas, em especial a língua inglesa. Campello (2000, p. 130), no ano 2000, já enfatizava que "o inglês tem sido a língua preponderante na comunicação da pesquisa científica e tecnológica e, com o advento da Internet, consolida-se cada vez mais como o idioma dos pesquisadores". E ainda, Montgomery (2013) reforça essa ideia ao comentar que o inglês se transformou na língua dos diversos tipos de eventos científicos, como os internacionais.

Perante o exposto, o conhecimento não só do inglês, mas também de outras línguas é valioso. E, embora não seja o único fator para o melhor desempenho do bibliotecário ou de usuários na busca por informações científicas, as instituições de pesquisa e ensino têm sua parcela de responsabilidade para fornecer recursos e treinamento de idiomas para suas comunidades.

Dessa forma, o curso de Biblioteconomia precisa acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo globalizado e na sociedade da informação, para oferecer aos discentes a oportunidade de estar preparado para as exigências do mercado de trabalho.

Até o momento da realização desta pesquisa, em seu site, o Conselho Regional de Biblioteconomia da 8ª Região (2021) lista um total de 58 cursos de Biblioteconomia no Brasil, nas modalidades presencial e a distância, ofertadas por instituições públicas e particulares. Em consulta aos sites dessas instituições, foi possível ter acesso às matrizes curriculares e/ou projetos pedagógicos de 57 desses cursos, em que foram identificados 28 que oferecem

o inglês como disciplina obrigatória. Isso mostra o interesse de parte dos cursos na preparação do estudante para lidar com o inglês na área.

A questão da língua inglesa no curso de Biblioteconomia também é comentada por Costa e Pires (2014, p. 174) ao dissertarem que:

na Biblioteconomia, temos, ainda, a Dewey Decimal Classification (CDD), que é uma ferramenta referencial indispensável para os bibliotecários e estudantes de Biblioteconomia em termos de Classificação, impressa totalmente em inglês, além de bases de dados, periódicos eletrônicos, livros e a produção científica de autores internacionais, elementos estes bastante significativos na área biblioteconômica.

Além desses elementos, Silveira (2017, p. 72) ressalta que a língua inglesa é também o “[...] idioma de parte das informações dos sistemas operados” em atividades de uma biblioteca.

E, ainda que existam diversos meios para a tradução do idioma, nem todos são confiáveis ou apreendem com exatidão o sentido de uma informação, pois, segundo Duarte e Braga (2010, p. 112):

os tradutores eletrônicos não dão conta das articulações e modulações de cada língua e o serviço de tradução tradicional é dispendioso em tempo e dinheiro. Por mais que as tecnologias de tradução se desenvolvam, haverá ainda espaço para o trabalho humano, diferenciado, pois é resultante das múltiplas possibilidades de construção fincadas na subjetividade.

Isso mostra, portanto, que é importante que o estudante/bibliotecário tenha algum conhecimento da língua, a fim de evitar erros na compreensão de informações. Mas esse é um caminho de desafios, tanto para os cursos de Biblioteconomia, que pensam em ementas adequadas e eficazes, quanto para os seus discentes, que se esforçam para aprender o inglês instrumental.

Além da importância de ter um conhecimento geral em inglês, para o estudante de Biblioteconomia é necessário também um conhecimento específico, ofertado na graduação, o qual é uma das facetas do Inglês Para Propósitos Específicos, apresentado na próxima seção.

### **3.1 Inglês Para Propósitos Específicos**

O Inglês Para Propósitos Específicos (English for Specific Purposes - ESP), ou simplesmente inglês instrumental, “como o próprio nome já nos diz, trata-se do ensino da língua, no caso a língua inglesa, com propósitos específicos, visando os objetivos de um aluno

ou de um grupo de alunos” (Souza, 2002, p. 54).

Os três fatores que mais se destacam em relação ao surgimento do Inglês Para Propósitos Específicos, são: a) o contexto após a Segunda Guerra Mundial, com a escalada da tecnologia e comércio, que trouxeram a necessidade do uso de uma língua em comum para a comunicação internacional, fazendo com que os aprendizes soubessem exatamente o porquê estudavam o idioma; b) uma revolução na linguística, que modificou o lugar de destaque ocupado pela gramática, condizendo com o desenvolvimento de cursos de inglês para grupos específicos de alunos, fundamentados na noção da variação da língua de acordo com a circunstância de uso, na qual as características de cada uma dessas circunstâncias poderiam ser determinadas e ensinadas; c) e por fim, o foco no aprendiz, embasado pela psicologia educacional, que busca atender as suas necessidades e interesses, os quais impactam na motivação para o aprendizado, levando ao desenvolvimento de cursos com esse objetivo (Hutchinson; Waters, 1987).

No Brasil, o inglês instrumental surge em universidades, por conta de suas demandas, ao fim da década de 70, por meio do Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras, e sua posterior implantação ao longo dos anos 80 (Celani; Holmes; Ramos; Scott, 1988).

E, desde então, segundo Ferreira e Rosa (2008, não paginado),

[...] a disciplina foi incluída no currículo da maioria dos cursos universitários, priorizando principalmente, a habilidade de leitura no processo de aprendizagem através das estratégias de leitura para capacitar alunos de diferentes cursos a ler e entender textos acadêmicos referentes à sua área de atuação.

É o caso dos cursos de Biblioteconomia, nos quais o Inglês para Propósitos Específicos é ofertado para essa área e para a da Ciência da Informação sob nomes variados, como Inglês Instrumental, Inglês para Fins Específicos, Língua Inglesa Aplicada a Ciência da Informação, Inglês para Fins Acadêmicos, Inglês aplicado à Biblioteconomia, dentre outros.

Após a abordagem teórica realizada nessa e nas seções anteriores sobre o inglês no mundo globalizado e sua relação com a Biblioteconomia, é explicitado abaixo o percurso metodológico sob o qual a pesquisa foi construída, trazendo detalhes sobre o processo de investigação e os intuítos do estudo.



## 4 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa aqui desenvolvida é de natureza exploratória. Segundo Gil (2002, p. 41), "estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses". Nesse caso, o estudo se propõe a criar familiaridade com a questão da influência da proficiência em língua inglesa em atividades do curso de Biblioteconomia da UFPA, uma investigação ainda não realizada nesse espaço.

Em relação à abordagem escolhida, a pesquisa faz uso tanto da qualitativa quanto da quantitativa. Da qualitativa, pois este estudo não busca criar um ambiente artificial para a coleta dos dados, mas objetiva colhê-los em um ambiente natural, a FABIB/UFPA, trazendo a necessidade de um trabalho de campo. E, da quantitativa, pois quantifica as respostas em porcentagem, a fim de explicá-las de uma maneira global, conforme cada item investigado.

Quanto ao método, o escolhido foi o estudo de caso, que, segundo Gil (2002, p. 54), "consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]". Adequa-se, portanto, ao intuito da pesquisa, que busca entender detalhadamente, por meio de cada um dos componentes curriculares ofertados pelo ambiente estudado, a percepção dos formandos quanto à proficiência em língua inglesa e seus desdobramentos nas atividades do curso.

O campo/local de observação é o curso de Biblioteconomia, da FABIB, da UFPA, que foi criado em 1963, com o objetivo de atender às demandas da Biblioteca Central da UFPA, da comunidade universitária, além de outras instituições de pesquisa e bibliotecas existentes na região.

O universo de estudo são os 111 formandos do curso de Biblioteconomia da FABIB/UFPA, do período letivo 2021.1. São aqueles que possuem o status de formando no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), ou seja, os que integralizaram 75% ou mais do curso.

Para a sustentação e coleta de dados desta pesquisa exploratória, foi realizada também uma pesquisa bibliográfica na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), Scientific Electronic Library Online (SciELO), no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes. Os termos pesquisados nessas fontes, tanto em português quanto em inglês, foram: Língua Inglesa AND Biblioteconomia; Língua Inglesa AND Ciência da Informação; e Língua Inglesa AND curso de Biblioteconomia.

Outro procedimento também utilizado para amparar a pesquisa exploratória foi a pesquisa de campo, com aplicação de questionário. O questionário, portanto, é o instrumento para coleta de dados, elaborado no *Google Forms* com 17 perguntas fechadas de múltipla escolha. Nele, os discentes formandos responderam aos questionamentos baseados em três parâmetros: o aprendizado de inglês na educação básica e/ou cursos livres, a disciplina Inglês para Bibliotecários, e os impactos da proficiência em inglês para os formandos de Biblioteconomia da UFPA.

No primeiro parâmetro, os formandos foram questionados se estudaram a língua inglesa na educação básica; se fizeram cursos livres de inglês; como avaliam o ensino e o aprendizado da língua na educação básica e/ou cursos livres; o motivo pelo qual não fizeram um curso livre, para aqueles que não fizeram; e o motivo pelo qual não concluíram um curso livre, quando esse fosse o caso.

Em relação à disciplina Inglês para Bibliotecários, foram interrogados sobre o quanto consideram o aprendizado na língua necessário ao curso de Biblioteconomia; como lidam com informações na língua inglesa em atividades relacionadas ao curso; e como avaliam o ensino e aprendizado na disciplina.

E, quanto ao impacto que a proficiência, influenciada também pela disciplina Inglês para Bibliotecários, causou para os formandos nas atividades ligadas ao curso de Biblioteconomia, foram indagados sobre o nível de proficiência que consideram possuir por meio do aprendizado obtido de forma autodidata, nas escolas que frequentaram, cursos livres e na disciplina ofertada pela FABIB (avaliada pela subjetividade dos respondentes, nos conceitos ótimo, bom, razoável e ruim). Após isso, foram questionados se enfrentaram dificuldades com informações em língua inglesa em atividades do curso, inclusas as disciplinas dos oito períodos; e, por fim, o quanto se consideram preparados para lidar com essas informações na reta final do curso e na prática profissional após formados.

Por último, para analisar os dados obtidos no questionário, foi feita a sua tabulação em gráficos e a interpretação e reflexão dos resultados que trouxeram, conforme o embasamento teórico estudado.

## **5 O INGLÊS NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA FABIB/UFPA: O CASO DOS FORMANDOS**

O curso de Biblioteconomia da UFPA, por meio do seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC), dispõe que, entre as aptidões para atender ao perfil profissional do bibliotecário graduado pela FABIB, está a necessidade de:

possuir conhecimento de língua estrangeira, preferencialmente língua inglesa, o que lhe facilitará o uso das ferramentas profissionais específicas e o acesso à produção científica mundial, promovendo a interconexão da informação em uma sociedade globalizada (Universidade Federal do Pará, 2009, não paginado).

Para auxiliar nessa questão, a FABIB oferta o inglês instrumental por meio da disciplina Inglês para Bibliotecários, que em sua ementa visa o “desenvolvimento de estratégias de leitura e compreensão de textos especializados na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação” (Universidade Federal do Pará, 2009, não paginado).

Entendendo o perfil profissional estabelecido pela FABIB/UFPA, foi aplicado aos 111 formandos do período 2021.1 um questionário com perguntas sobre o aprendizado de inglês na educação básica e/ou cursos livres, a disciplina Inglês para Bibliotecários e impactos da proficiência para formandos durante o curso. O retorno obtido foi de um percentual de 40,5%, ou seja, 45 formandos.

Na 1ª pergunta, foi solicitado aos formandos os seus números de matrícula, para a verificação do status de ‘formando’, por ano de entrada no curso. Assim, foi possível identificar se as respostas eram, de fato, de formandos, e iniciar com os questionamentos que este artigo se propõe a pesquisar.

### **5.1 Perguntas acerca do aprendizado da língua inglesa na educação básica e/ou cursos livres**

Esse parâmetro indaga sobre o estudo da língua inglesa durante a educação básica e cursos livres. Itens que têm relação principalmente com o nível da proficiência em inglês com que os formandos entraram no curso.

Assim, a 2ª pergunta questiona se esses discentes estudaram o idioma durante a educação básica. Foi possível observar que 91,1% (41) dos respondentes a estudaram. Desse quantitativo, 66,7% (30) em escolas públicas, 13,3% (6) parte em escola pública, parte em

escola privada, e 11,1% (5) em escola privada. Somente 8,9% (4) não a estudou.

A 3ª indagação, direcionada apenas aos 41 formandos que estudaram inglês durante a educação básica, refere-se à avaliação que fazem sobre o ensino e o aprendizado obtido nas escolas que frequentaram.

Constata-se que 39% (16) avaliam como razoável, 43,9% (18) como ruim, 9,8% (4) como bom e somente 7,3% (3) avaliam o ensino/aprendizado como ótimo. Essa avaliação ratifica opiniões de profissionais da área da educação, conforme afirma o British Council (2014, p. 12):

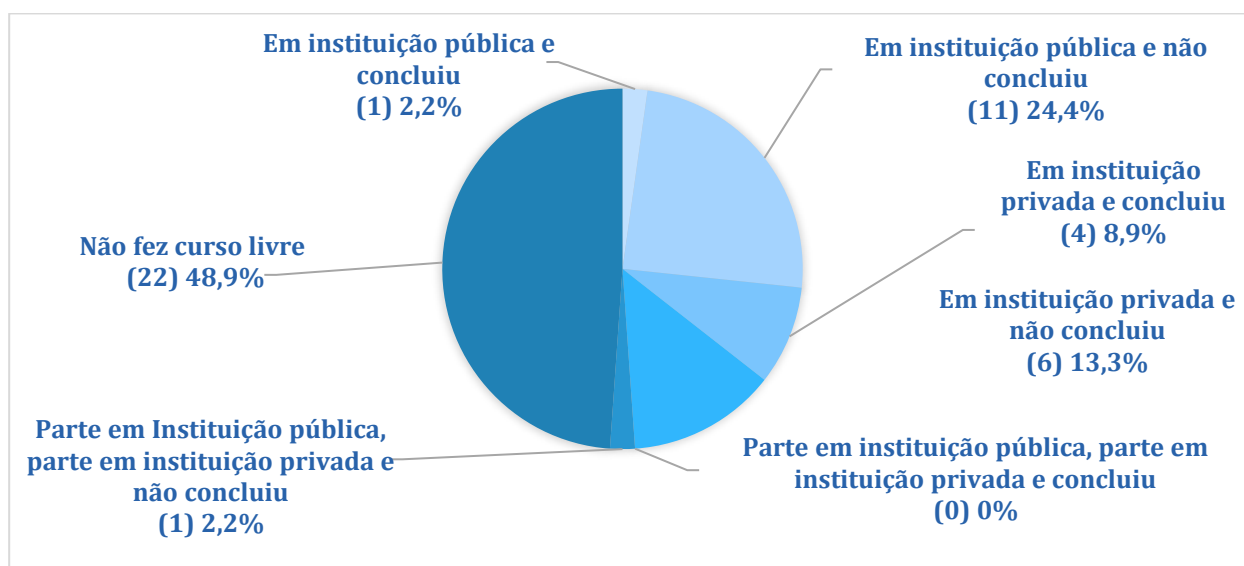
A Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto para o ensino fundamental como para o ensino médio, determinam o ensino de língua estrangeira. No entanto, especialistas, professores e até mesmo o governo reconhecem que o ensino de inglês na educação básica, seja privada ou pública, não consegue formar estudantes com um bom nível de proficiência nesse idioma.

Assis-Peterson e Cox (2007, p. 10) também fazem uma dura crítica à realidade do ensino do inglês na educação básica, que viabiliza o surgimento de diversos cursos livres, dado que, segundo as autoras,

[...] não se aprende inglês na escola pública. O discurso da ineficiência do ensino do inglês na escola pública é incessantemente entoado por um conjunto de vozes: falam professores, falam alunos, falam pais, falam diretores e coordenadores, atores sociais continuamente assediados pela mídia mediante propagandas de escolas de idiomas, que reivindicam para si os métodos mais modernos, os professores mais capacitados e a garantia de domínio do inglês perfeito no menor tempo possível.

Tendo em vista os resultados e observações anteriores, a 4ª pergunta investiga se os formandos buscaram o aprendizado do idioma em cursos livres e em quais tipos de instituição.

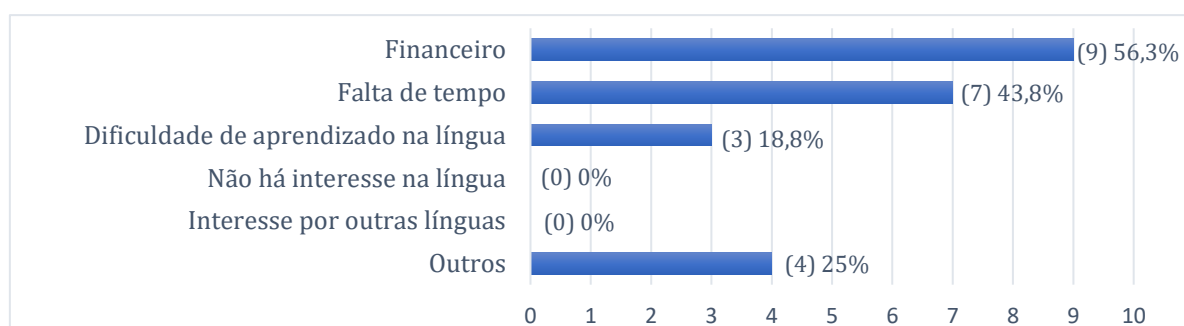
A partir dos dados apresentados no Gráfico 1, calcula-se que, dentre todos os respondentes, um percentual de 51,1% (23) buscou cursos livres em instituições públicas e/ou privadas para obter aprendizado na língua. Desses, 11,1% (5) concluíram um curso livre e 40% (18) não concluíram.

**Gráfico 1** – Realização de cursos livres e tipo de instituição

**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

No 5º questionamento, os 23 formandos que frequentaram cursos livres fazem uma avaliação pessoal quanto ao ensino/aprendizado obtido. Constata-se que 52,2% (12) avaliam como ‘bom’ e 17,4% (4) como ‘ótimo’, que juntas correspondem a um percentual de 69,6% (16). Ademais, nenhum respondente avalia como ruim. Comparando com a avaliação relacionada à educação básica, percebe-se resultado positivo quanto ao ensino/aprendizado do inglês em cursos livres. Contudo, houve ainda que um percentual de 30,4% (7) que considera razoável. Os dados condizem com a observação de Assis-Peterson e Cox (2007, p. 12), de que “há cursos excelentes, mas há cursos que, na completa ausência de supervisão das autoridades educacionais, acabam por lesar o cliente-consumidor com propagandas e práticas enganosas”.

Na 6ª indagação, os 18 discentes que frequentaram, mas não concluíram cursos livres de inglês, respondem sobre uma ou mais razões que os levaram a isso (Gráfico 2).

**Gráfico 2** – Motivos para a não conclusão de cursos livres

**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

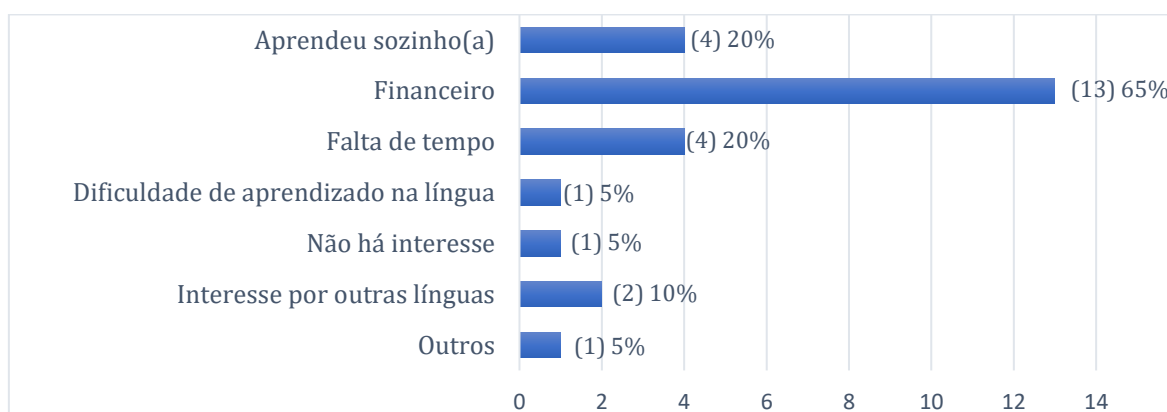
Dentre as 16 pessoas que responderam, verifica-se que o motivo financeiro está em primeiro lugar, equivalendo a um total de 56,3% (9). Em segundo está a falta de tempo, e há de se considerar a realidade de estudantes que dividem o seu tempo entre estudo, trabalho e/ou família, ou ainda outros afazeres. Dificuldade de aprendizado na língua inglesa também é elencada com 18,8% (3).

As opções 'não tenho interesse na língua' e 'interesse por outras línguas', não foram selecionadas pelos respondentes. Evidenciando o interesse do público-alvo da pesquisa no aprendizado do idioma.

Os respondentes que selecionaram a opção 'outros', descreveram "*doença*", "*focar no vestibular*", "*bolsista*" e "*ainda cursando*" como as razões que os levaram a não concluir cursos livres.

O 7º questionamento, dessa vez voltado aos 22 formandos que não frequentaram cursos livres, questiona as razões que os levaram a isso, em caso de interesse no aprendizado do idioma, apresentadas no Gráfico 3.

**Gráfico 3 – Motivos para a não realização de cursos livres**



**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

Dos respondentes-alvo, 20 responderam e, dentre eles, assim como na pergunta anterior, o motivo financeiro é o mais selecionado. E, novamente, o motivo da falta de tempo está em segundo lugar, desta vez junto com aqueles que afirmam buscar o aprendizado do inglês por conta própria.

O grupo analisado nessa pergunta também indica a disposição no aprendizado do idioma, tendo em vista as percentagens baixas com que ficaram os motivos 'não tenho interesse' e 'interesse por outras línguas'. Na opção 'outros', 1 pessoa (5%) descreve a situação '*dificuldades de locomoção, preferência por aulas online*'.

Os dados apresentados nesta subseção geram uma reflexão sobre a preparação dos estudantes brasileiros para as competências linguísticas normalmente exigidas no mercado de trabalho atual. O British Council (2014, p. 7) corrobora com essa preocupação ao afirmar que “a falta de um ensino básico de qualidade, somada ao baixo acesso a cursos privados de inglês, faz com que o mercado de trabalho tenha dificuldade em encontrar profissionais com proficiência na língua”.

A análise sobre as questões acima visou trazer informações sobre as percepções e realidades pessoais dos formandos quanto ao aprendizado obtido do inglês, em especial antes de iniciarem o curso de Biblioteconomia da FABIB/UFPA. Dando sequência a essa análise, são apresentados abaixo dados relacionados, desta vez, ao inglês no curso.

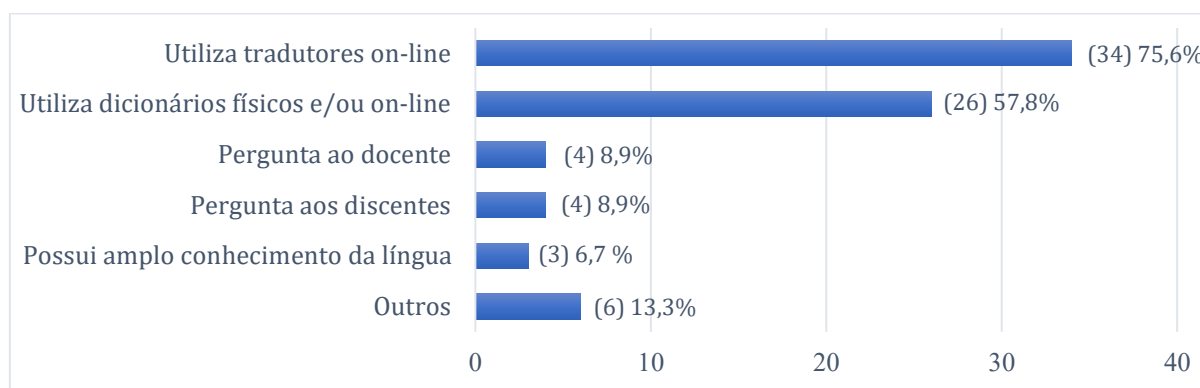
## **5.2 Perguntas acerca da disciplina Inglês para Bibliotecários**

Nesse parâmetro, os questionamentos se voltam para identificar as opiniões dos formandos quanto à disciplina Inglês para Bibliotecários e o uso da língua inglesa durante o curso, influenciado pela disciplina.

Assim, na 8ª pergunta, os 45 formandos avaliam se consideram a língua inglesa necessária no curso de Biblioteconomia. Verifica-se que 93,3% (42) respondem ‘sim’, e 6,7% (3) respondem ‘parcialmente’. Nenhum formando seleciona a opção ‘não’.

Semelhante aos pontos de vista dos formandos, Duarte e Braga (2010, p. 109), entendendo que a informação é o objeto de estudo e trabalho da área, reforçam a relevância do idioma perante a sociedade da informação ao afirmarem que o “[...] domínio da informação, no mundo globalizado, apresenta demanda pela competência informacional. Tal competência perpassa por várias áreas e entre elas, o domínio da língua inglesa”.

A 9ª questão aborda como os discentes lidam com informações em inglês quando necessário em atividades do curso, com a possibilidade de selecionar uma ou mais opções. Os resultados evidenciam que os respondentes utilizam meios variados para lidar com informações em inglês. Mas é notável a preferência por utilizar recursos *online* para tradução (Gráfico 4).

**Gráfico 4 – Forma de lidar com o inglês em atividades do curso**

**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

Um baixo percentual de 6,7% (3) seleciona a opção ‘posso amplo conhecimento da língua’, e todos que selecionaram a opção ‘outros’, afirmam possuir algum conhecimento de inglês, conforme as suas descrições apresentadas a seguir:

“posso conhecimento”;

“posso conhecimento de médio para avançado”;

“utilizo conhecimentos adquiridos em cursos, em experiências com falantes de estrangeiros e com professores da área de língua inglesa, dicionários, livros de gramáticas, além de outros livros de diversas modalidades textuais, como literatura, sites de instituições estrangeiras, bibliotecas, artigos científicos, etc.”;

“tenho conhecimento em inglês instrumental”;

“Utilizo técnica de leitura básica e objetiva (para se ter noção do assunto abordado) quando não é possível fazer uso de tradutores ou dicionários on-line”;

“tive aulas básicas de inglês instrumental obrigatórias no decorrer do curso”.

Na 10ª indagação, voltada à disciplina Inglês para Bibliotecários, os formandos respondem como avaliam o ensino e o aprendizado obtido nela (Gráfico 6), considerando que seu objetivo é a compreensão e leitura de textos da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Mas deve-se considerar que os formandos pertencem a turmas de anos variados, portanto, cursaram a disciplina em anos diferentes e com docentes diferentes, tendo vivenciado experiências diversas.

Os resultados revelam que 31,1% (14) avalia como ruim e 31,1% (14) avalia como



razoável. Esses dados juntos equivalem a um percentual de 62,2% dos respondentes. Ainda, 13,3% (6) avaliam como ótimo e 24,8% (11) como bom, correspondendo a 37,8% de respondentes que fizeram uma avaliação positiva.

Portanto, a disciplina foi proveitosa para quase 40%, mas não atendeu às expectativas de mais da metade dos respondentes. Isso pode levar a interferências no perfil profissional estabelecido pelo Projeto Pedagógico do Curso, quanto à necessidade de possuir conhecimento da língua inglesa, em especial para os discentes que entram no curso sem algum nível de proficiência.

Além de documentos da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação em inglês, para os quais a disciplina se volta, tem-se em conta também que

o desconhecimento e não domínio desse idioma seria uma barreira, uma vez que o profissional bibliotecário lida com informações provenientes de documentos dos mais diferentes tipos e em diferentes línguas, sobretudo o inglês (Duarte; Braga, 2010, p. 111).

Logo, a existência de Inglês para Bibliotecários no currículo do curso de Biblioteconomia da FABIB/UFPA é fundamental. Mas cabe avaliar a disciplina, a fim de que atenda, de fato, às necessidades dos discentes, tendo em vista, como afirma Scaramucci (2000), que a proficiência em língua estrangeira, além de ser dos alunos, também é do interesse dos professores e elaboradores de currículos.

Após essas constatações, são apresentadas adiante as opiniões dos respondentes sobre proficiência em inglês e impactos em atividades do curso.

### **5.3 Perguntas acerca do impacto da proficiência em inglês para formandos durante o curso**

Esse parâmetro contém perguntas sobre as disciplinas e outras circunstâncias do curso que tiveram ou não impactos causados pela proficiência ou sua ausência, e ainda as percepções dos respondentes quanto à proficiência e o curso.

Com a 11<sup>a</sup> pergunta investiga-se, em primeiro lugar, o nível de proficiência que os formandos consideram possuir, considerando o aprendizado na educação básica e/ou cursos livres e/ou na disciplina Inglês para Bibliotecários ou ainda o obtido de maneira autodidata.

Dentre todos, 77,8% (35) afirmam possuir algum dos níveis de proficiência. O destaque é para o nível básico, com 44,4% (20). O nível intermediário é selecionado por

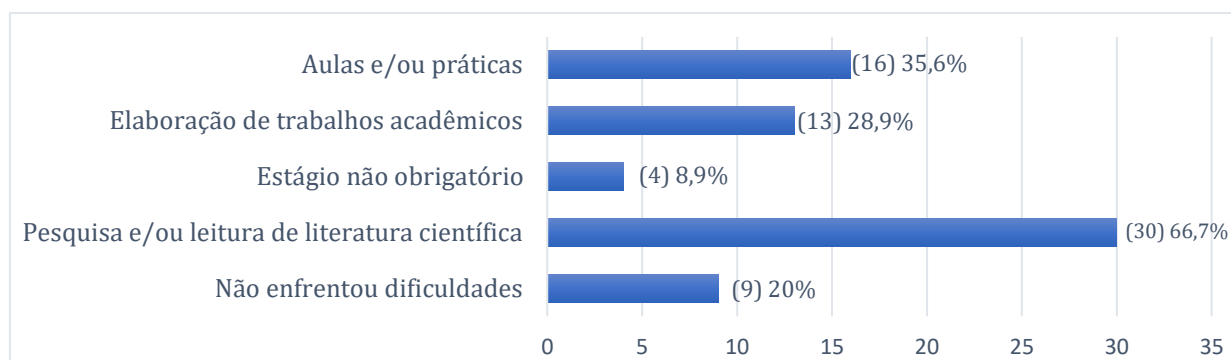
28,9% (13) e o nível avançado por 4,4% (2). Ainda, um percentual de 22,2% (10) afirma não ser proficiente.

Diante da globalização e da sociedade da informação, a ausência da proficiência em idiomas pode ser danosa para determinados profissionais, como aqueles que lidam com a comunicação e informação de modo global. Pilatti e Santos (2010, não paginado), ressaltam que

esse processo de integração global requer a fluência em idiomas falados ao nível de língua franca como, por exemplo, inglês e espanhol, sendo que a língua inglesa figura como a mais importante devido a seu vasto uso e abrangência. Nesse sentido, a fluência nessa língua torna-se indispensável na conquista de espaço e atuação dos profissionais no mundo do trabalho.

Na 12ª indagação, os formandos elegem uma ou mais situações relacionadas ao curso em que enfrentaram dificuldades ao lidar com informações em língua inglesa (Gráfico 5).

**Gráfico 5** – Situações que causaram dificuldades aos formandos com o uso do inglês



**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

Os discentes, em sua maior parte, elencam a opção ‘pesquisa e/ou leitura de literatura científica’, a qual tem relação direta com os objetivos de compreensão e leitura da disciplina Inglês para Bibliotecários. E, visto que para a construção de trabalhos, a pesquisa e leitura são indispensáveis, a elaboração de trabalhos acadêmicos é selecionada por um percentual de 28,9% (13) pessoas.

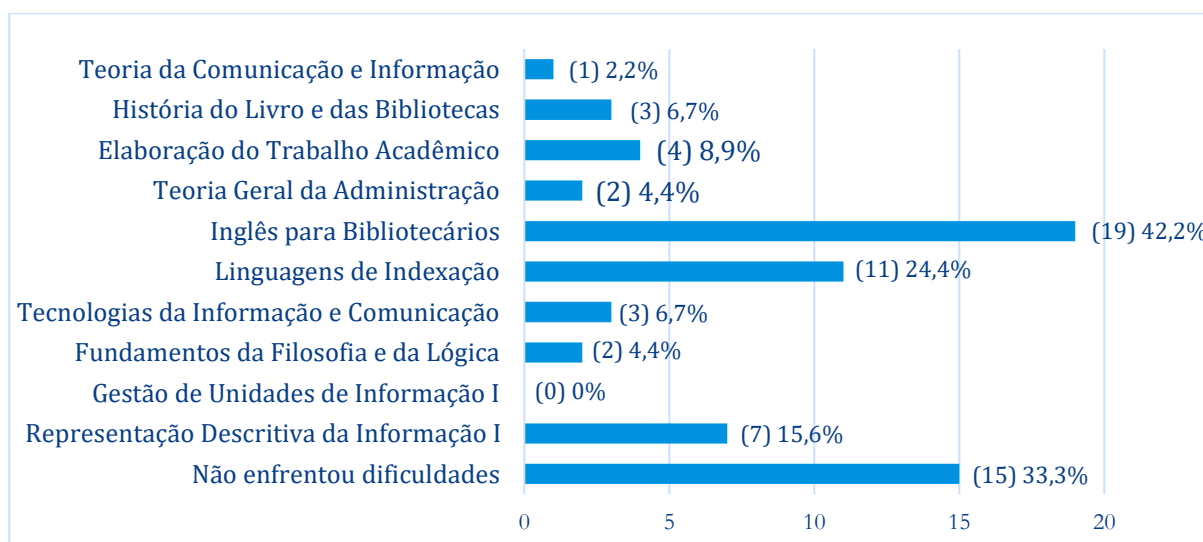
As opções ‘aulas e/ou práticas’ e ‘estágio não obrigatório’, também são escolhidas, respectivamente, em segundo e terceiro lugar, as quais envolvem circunstâncias de uso de instrumentos da área, uso de softwares e fontes de informação em inglês. Ainda, há aqueles que afirmam que não enfrentaram obstáculos, correspondendo a um percentual de 20% (9).

Tendo em consideração as dificuldades relatadas acima, especialmente quanto à

pesquisa e/ou leitura de literatura científica e ao acesso a fontes de informação, cabe ressaltar que, de acordo com Guessier (2007), apesar de a anglofonia não ser unanimidade no mundo, em relação ao Ocidente, o inglês é tido como o idioma hegemônico e até mesmo franco, especialmente na literatura acadêmica e no âmbito científico, fazendo com que teóricos afirmem que essa é a língua da ciência. O autor ainda afirma que a maior parte dos periódicos científicos se encontra nesse idioma.

O 13º questionamento solicita aos formandos que respondam se passaram ou não por problemas ao lidar com informações em língua inglesa em disciplinas do primeiro e segundo períodos letivos do curso (Gráfico 6).

**Gráfico 6** - Dificuldades com o inglês em disciplinas do primeiro e segundo período letivo



**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

Dentre os resultados mais expressivos, está a disciplina Inglês para Bibliotecários, em primeiro lugar, o que chama a atenção, tendo em vista que o seu propósito é auxiliá-los com o idioma.

A segunda opção mais escolhida é Linguagens de Indexação. Pode-se considerar que nessa disciplina são lidos e elaborados resumos e utilizados instrumentos de representação da informação, o que pode levar ao uso da língua inglesa, por exemplo, na leitura documentária ou no contato com instrumentos de representação em inglês. Cabe ressaltar que, durante a leitura documentária de documentos em inglês, a proficiência da língua é uma forte aliada, pois “o domínio do idioma inglês vai garantir uma apreensão mais fiel do

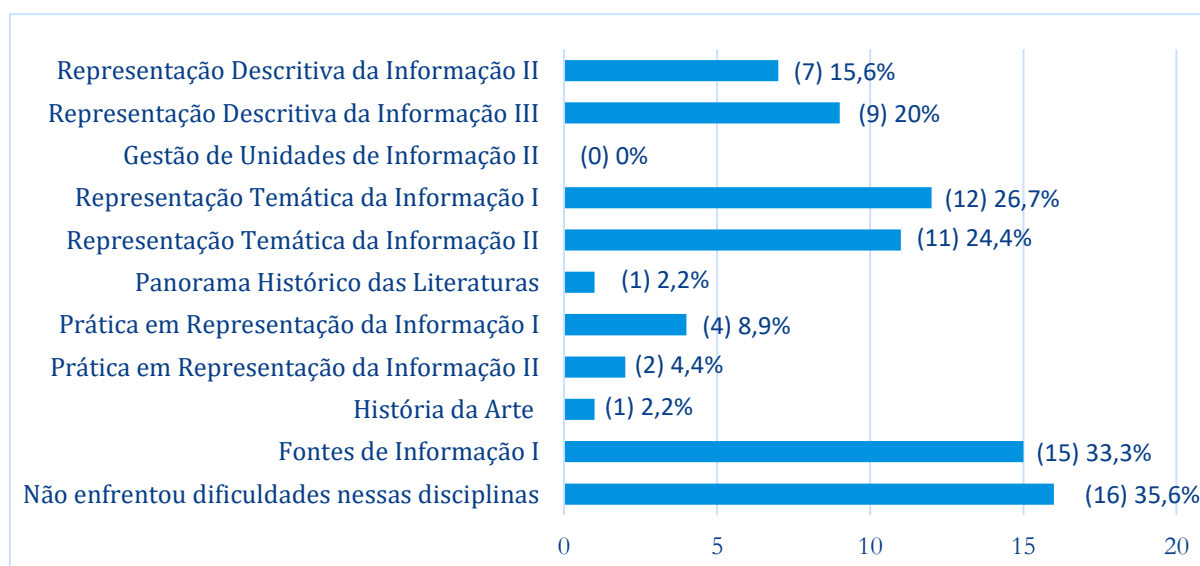
conteúdo de um texto” (Duarte; Braga, 2010, p. 112).

Desses períodos, apenas a disciplina Gestão de Unidades de Informação I não é selecionada pelos formandos e 33,3% dos respondentes afirmam não ter tido problemas com informações em inglês em nenhuma das disciplinas do primeiro e segundo semestres.

A disciplina Representação Descritiva da Informação I é analisada adiante com as disciplinas que a sucedem.

Após as disciplinas do primeiro e segundo períodos letivos, os discentes respondem se passaram ou não por obstáculos com o inglês em uma ou mais disciplinas do terceiro e quarto períodos (Gráfico 7).

**Gráfico 7** – Dificuldades com o inglês em disciplinas do terceiro e quarto período letivo



**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

Nota-se que, assim como a antecessora, Gestão de Unidades de Informação II também não é selecionada por nenhum formando. Por outro lado, Fontes de Informação I (analisada na pergunta seguinte, por conta da disciplina Fontes de Informação II) está em primeiro lugar no *ranking* de dificuldades do terceiro e quarto períodos, seguida de Representação Temática I e II. E, assim como a Representação Descritiva I, elencada em terceiro lugar no gráfico anterior, Representação Descritiva II e III também são algumas das mais selecionadas nessa pergunta. Consequentemente, nas disciplinas práticas de representação, são identificadas dificuldades para uma pequena parte dos respondentes.

Os resultados demonstram também uma ocorrência mínima de problemas com o uso do idioma nas outras disciplinas desses períodos e ainda um percentual de 35,6% que

declarou não ter tido problemas com o inglês, nessas disciplinas.

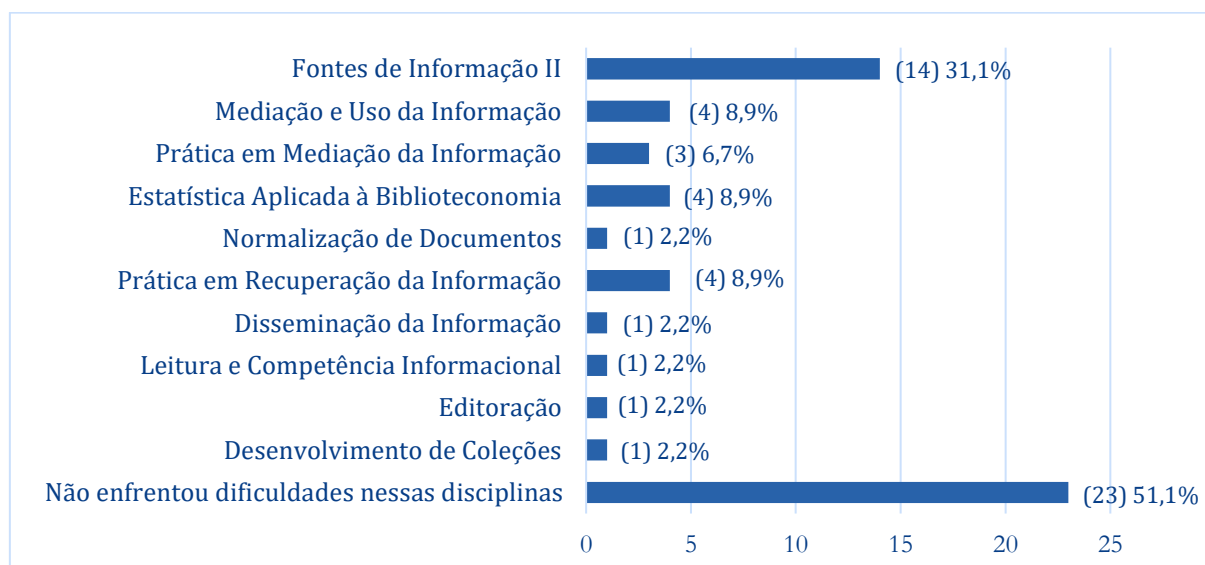
Quanto à representação temática, destaca-se a Classificação Decimal de Dewey (CDD), instrumento de representação em língua inglesa, bastante desafiador para quem possui pouco ou nenhum conhecimento do idioma. E, em relação à representação descritiva, a leitura do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2) pode também significar um desafio, pois seus exemplos estão em inglês.

Silveira (2017, p. 77) também destaca a presença da língua inglesa na representação da informação, ao ressaltar a sua importância:

principalmente para quem trabalha com programas e softwares não totalmente traduzidos, e ainda na representação descritiva e descrição temática de materiais informacionais em língua estrangeira (que são principalmente em inglês).

A 15ª questão refere-se às disciplinas do quinto e sexto período letivo (Gráfico 8).

**Gráfico 8** - Dificuldades com o inglês em disciplinas do quinto e sexto período letivo



**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

Como na pergunta anterior, a disciplina mais selecionada pelos respondentes é Fontes de Informação, apontando o uso mais frequente do idioma em suas atividades, condizendo com o que Silveira (2017, p. 72) afirma sobre a língua inglesa ser o “idioma no qual está significativa parcela dos materiais informacionais de língua estrangeira”, dispostos em fontes nacionais e internacionais. Ainda, a língua é necessária para o próprio manuseio das fontes internacionais como a *Web of Science*, *Elsevier*, o *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), o *Educational Resources Information Center* (ERIC), dentre outras.

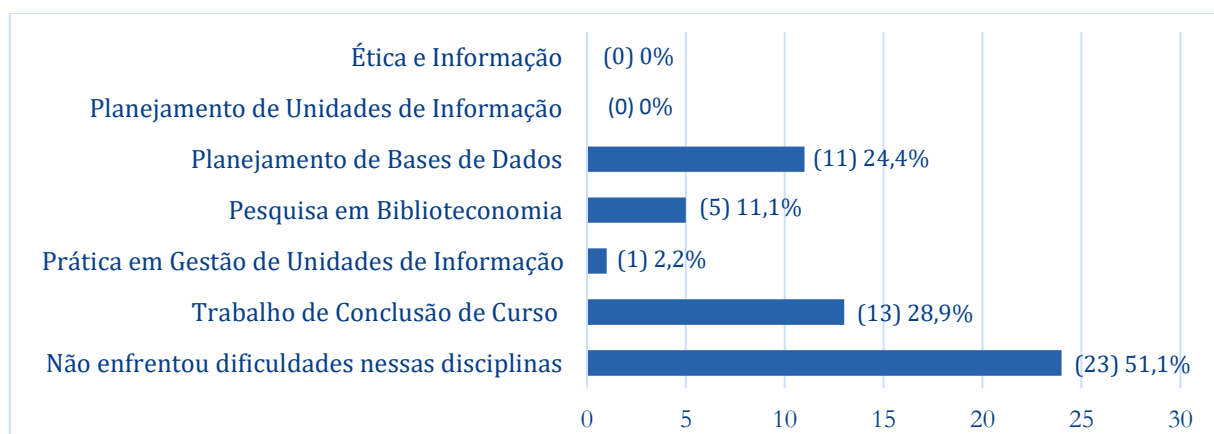
Fontes de Informação I e II são as disciplinas com maior concentração de respondentes e para os formandos figuram entre as disciplinas que mais trazem a necessidade de algum conhecimento do inglês.

Em contrapartida, nessa pergunta é expressivo o percentual que responde não ter enfrentado problemas com o idioma, isto é, 51,1% dos discentes. Outras disciplinas, selecionadas por uma pequena parte dos respondentes, são Prática em Recuperação da Informação, Disseminação da Informação, Mediação e Uso da Informação e Prática em Mediação da Informação, que envolvem o estudo e divulgação e/ou troca de informações.

Ante as dificuldades expostas quanto ao uso do inglês em disciplinas envolvendo o acesso direto à informação, Montgomery (2013, p. 3, tradução nossa) salienta, em consonância com outros autores ao longo do estudo, que “pela primeira vez na história, a ciência – a grande torre de conhecimento da humanidade – tem uma língua global. Na verdade, é uma língua global para diversos campos, e a ciência é apenas um caso entre muitos”.

Na 16ª pergunta, voltada às disciplinas do sétimo e oitavo períodos, os últimos do curso, ‘Planejamento de Unidades de Informação’ e ‘Ética e Informação’ não estão entre as escolhidas pelos respondentes. Também nessa pergunta foi expressivo o percentual de 51,1% dos discentes que não passaram por dificuldades com o inglês (Gráfico 9).

**Gráfico 9** - Dificuldades com o inglês em disciplinas do sétimo e oitavo período letivo



**Fonte:** dados da pesquisa (2021).

Em relação à disciplina Planejamento de Bases de Dados, que está em primeiro lugar, as dificuldades podem ter ligação com o uso de programas e softwares não totalmente traduzidos, conforme já enfatizado na análise dos resultados das perguntas anteriores, por

Silveira (2017), quando fala sobre a importância do idioma. Ainda, o PPC do curso de Biblioteconomia também ressalta a necessidade do conhecimento do inglês, que facilita o uso de ferramentas específicas da área (Universidade Federal do Pará, 2009).

Já as dificuldades relatadas anteriormente em Fontes de Informação I e II e Inglês para Bibliotecários, as mais selecionadas dentre todas, podem causar interferências nas disciplinas Pesquisa em Biblioteconomia e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), destacadas pelos formandos nessa pergunta, visto que abordam o desenvolvimento do pré-projeto e do TCC.

Para o TCC, por exemplo, é necessária pesquisa em bases de dados, o uso de termos com operadores booleanos, a leitura de materiais informacionais, a elaboração de resumo e a sua tradução para o inglês. De acordo com Souza (2002, p. 15), esse elemento pré-textual, que

tem como papel fundamental a representação do texto na íntegra, está cada dia sendo mais consultado, ocupando uma posição de destaque no acesso à informação e, a maioria da produção científica é redigida em inglês, avulta a importância de que nossos profissionais estejam aptos para realizarem essa tarefa de leitura em língua inglesa.

Logo, um resumo bem traduzido possibilita que um estudo alcance outros pesquisadores e facilita a seleção de pesquisas a serem referenciadas.

Quanto a todas as disciplinas do curso que estão elencadas por percentuais pequenos de respondentes, evidenciam nelas a ocorrência mínima de situações de uso do idioma, demonstrando que, apesar de o inglês se fazer presente em várias circunstâncias do curso, em outras pouco ou nada é exigido.

Na última questão, os formandos respondem o quanto se consideram preparados para lidar com informações em língua inglesa na fase final do curso e prática profissional após formados, caso atuem em espaços e atividades em que haja exigência de conhecimento da língua. Constata-se que 24,4% (11) não se consideram preparados, o que pode ser um reflexo dos problemas com o inglês na educação básica, a questão da não conclusão de cursos livres e os obstáculos envolvendo a disciplina Inglês para Bibliotecários, situações identificadas por essa pesquisa. Apesar disso, de forma geral, pode-se considerar positivo o percentual de 64,4% (29) que se considera parcialmente preparado e o de 11,1% (5) que se considera totalmente preparado.

Diante dos resultados expostos e da discussão em torno da importância do inglês, cabe ressaltar que ele não está isento de discussões acerca da durabilidade de sua

proeminência em âmbito global. Crystal (2003) ressalta que mudanças políticas, econômicas, culturais e tecnológicas podem ocorrer, trazendo um maior prestígio para outras línguas e fazendo com que assumam a posição que o inglês ocupa hoje. Apesar dessas considerações, a língua inglesa ainda assume um papel muito importante no intercâmbio de informações de modo global.

E, segundo Duarte e Braga (2010, p. 112), “ter fluência nessa língua significa ter acesso a uma gama maior de informações e, conseqüentemente, uma maior possibilidade de qualificação tanto profissional quanto acadêmica”, em especial para o bibliotecário que tem como objeto de trabalho a informação. Na prática profissional, o bibliotecário pode ter ou não a exigência de trabalhar com informações em inglês, dependendo do local e atividade em que atue, mas estar qualificado possibilita que o profissional não perca oportunidades.

## 6 CONCLUSÃO

Neste artigo foi feita pesquisa exploratória com formandos sobre a proficiência em língua inglesa e seus impactos em atividades do curso de Biblioteconomia da UFPA, bem como pesquisa bibliográfica para a sustentação teórica e pesquisa de campo para conhecer a percepção dos formandos da FABIB/UFPA.

Foram levantados dados sobre o aprendizado de inglês obtido na educação básica e/ou cursos livres, a disciplina Inglês para Bibliotecários e os impactos da proficiência para os formandos do curso, com o intuito de atender ao objetivo geral do artigo, de analisar a percepção dos formandos sobre a proficiência da língua inglesa em atividades do curso. E, também, aos objetivos específicos, que envolvem: identificar se os estudantes do curso de Biblioteconomia da UFPA têm buscado a proficiência na língua inglesa, descrever se os discentes do curso de Biblioteconomia da UFPA consideram importante para sua formação a disciplina Inglês para Bibliotecários e analisar se a proficiência da língua inglesa pode ser o diferencial na formação dos estudantes do curso de Biblioteconomia.

Foi identificada avaliação negativa feita por esses formandos do ensino/aprendizado de inglês na educação básica, assim como obstáculos quanto ao acesso e manutenção de cursos livres do idioma, e ainda uma avaliação de 62,2% dos respondentes que classificaram a disciplina Inglês para Bibliotecários como ruim/razoável.

Quanto ao aprendizado, dentre aqueles que relataram dificuldades com o inglês em situações do curso, a leitura e/ou pesquisa científica, aulas e/ou práticas e a elaboração de



trabalhos acadêmicos foram as mais elencadas. Inglês para Bibliotecários, Fontes de Informação I e II, todas as disciplinas de Representação Temática e Descritiva, Linguagens de Indexação, Planejamento de Bases de Dados e Trabalho de Conclusão de Curso foram as disciplinas selecionadas por percentuais maiores de formandos. Em contrapartida, um pouco mais da metade dos respondentes não relatou problemas nas disciplinas do quinto, sexto, sétimo e oitavo períodos.

Considerando que a disciplina Inglês para Bibliotecários foi a mais selecionada dentre todas quanto à ocorrência de dificuldades, e a avaliação feita pelos formandos sobre ela, entende-se que não tem causado um impacto positivo aos discentes.

Sintetizando os resultados, mais da metade dos respondentes não avaliou bem Inglês para Bibliotecários, também em circunstâncias variadas (leitura/pesquisa, estágio, aulas, dentre outras) relacionadas ao curso, apenas 20% relataram não ter passado por problemas com informações em inglês. Ainda, em cada uma das duas perguntas voltadas à ocorrência de dificuldades em disciplinas dos quatro primeiros períodos, mais de 60% dos formandos relataram dificuldades. E, em relação às duas perguntas voltadas aos quatro últimos períodos, em cada uma, 48,9% dos respondentes relataram problemas com o inglês.

Assim, levando em conta esses dados e o percentual de 66,7%, dos respondentes que relataram ter um nível básico de proficiência no inglês ou até a completa ausência de conhecimento da língua, chega-se à conclusão de que a proficiência em Língua Inglesa pode ser o diferencial na formação, possibilitando um melhor desempenho durante o curso.

Portanto, este estudo, realizado especificamente com formandos, é relevante, pois trouxe um panorama sobre a situação em que se encontram esses discentes em relação ao Inglês, a fim de entender se o idioma influenciou em suas formações.

## REFERÊNCIAS

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de; COX, Maria Inês Pagliarini. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 5-14, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5715/571561894004.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 492/2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos [...]**. Brasília, DF:

Ministério da Educação, 03 abr. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRITISH COUNCIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no Brasil**: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisa Data Popular. São Paulo: British Council Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/def>

ault/files/demandas\_de\_aprendizagempesquisacompleta.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.  
 CAMPELLO, Bernadete Santos. Traduções. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 129-136. Disponível em:  
<https://books.google.com.br/books?id=GbPc-E5WQHAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 11 jan. 2021.

CELANI, Maria Antonieta Alba; HOLMES, John; RAMOS, Rosinda Guerra; SCOTT, Michael. Background to the Brazilian National ESP Project. In: CELANI, Maria Antonieta Alba; HOLMES, John; RAMOS, Rosinda Guerra; SCOTT, Michael (ed.). **The Brazilian ESP Project: an Evaluation**. São Paulo: EDUC, 1988. p. 4-7. Disponível em:  
<https://www.pucsp.br/lael/cepril/workingpapers/BrazilianESP.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA 8ª REGIÃO. **Instituições**. CRB-8, São Paulo, c2021. Disponível em:  
<https://www.crb8.org.br/instituicoes/>. Acesso em: 12 maio 2021.

COSTA, Elisângela Silva da; PIRES, Erik André de Nazaré. O comportamento no processo de busca da informação por meio das tecnologias da informação e comunicação: um estudo de caso sobre os discentes da Faculdade de Biblioteconomia no Estado do Pará. **Perspectivas em Ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 149-188, set. 2014. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/pci/v19n3/a09v19n3.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2021.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em:  
[http://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation\\_branding/English\\_A\\_S\\_Global\\_Language\\_-\\_David\\_Crystal.pdf](http://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/English_A_S_Global_Language_-_David_Crystal.pdf). Acesso em: 11 abr. 2021.

DUARTE, Elizabeth Andrade; BRAGA, Rogério Manoel de Oliveira. O profissional bibliotecário e o domínio da língua inglesa. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 105-122, 2010. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n30p105/19533>. Acesso em: 15 dez. 2020.

FERREIRA, Luciane Maria Coutinho Buchholz; ROSA, Maria Angélica Souza da. A origem do inglês instrumental. **História do Ensino de Línguas no Brasil**, Brasília, ano 2, n. 2, 2008. Disponível em:  
<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-2-no-2-12008/103-a-origem-do-ingles-instrumental>. Acesso em: 11 maio 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:  
[http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf). Acesso em: 05 jan. 2020.

GUESSER, Adalto. A diversidade lingüística da Internet como reação contra-hegemônica das tendências de centralização do império. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n.1, p. 79-91, jan./abr. 2007. Disponível em:  
[https://www.scielo.br/j/ci/a/FFcK4ws5yBRjkj7fD8B8nDK/?format=pdf&lang=pt&ilang=pt\\_BR](https://www.scielo.br/j/ci/a/FFcK4ws5yBRjkj7fD8B8nDK/?format=pdf&lang=pt&ilang=pt_BR). Acesso em: 24 ago. 2026.

HUTCHINSON, Tom.; WATERS, Alan. The origins of ESP. In: HUTCHINSON, Tom.; WATERS, Alan. **English for Specific Purposes: a learning-centred approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 6-8. Disponível em:  
[https://assets.cambridge.org/97805213/18372/excerpt/9780521318372\\_excerpt.pdf](https://assets.cambridge.org/97805213/18372/excerpt/9780521318372_excerpt.pdf). Acesso em: 30 mar. 2021.

JOHNSON, Joseph. **Most common languages used on the internet as of January 2020, by share of internet users**. Statista, [S. l.], 27 jan. 2021. Disponível em:  
<https://www.statista.com/statistics/262946/share-of-the-most-common-languages-on->

the-  
internet/#:~:text=As%20of%20January%202020%2C%20English,percent%20of%20global%20internet%20users. Acesso em: 12 abr. 2021.

MONTGOMERY, Scott L. A new era. In: Montgomery, Scott L. **Does science need a global language?:** English and the future of research. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2013. p. 1-23. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=PsBtQb0Lh90C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 11 abr. 2021.

PILATTI, Andriele; SANTOS, Maria Elisabete Mariano dos. O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado. **Secretariado Executivo em Revista**, Passo Fundo, v. 4, n. 4, p.1-14, 2008. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/ser/article/view/1766/1174>. Acesso em: 23 ago. 2026.

SILVEIRA, Luhilda Ribeiro. **Competências do bibliotecário no trabalho em biblioteca universitária:** implicações da interdisciplinaridade e da subjetividade. 2017. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/faed/id\\_cp\\_menu/1440/dissertacao\\_luhilda\\_15689008876248\\_1440.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cp_menu/1440/dissertacao_luhilda_15689008876248_1440.pdf). Acesso em: 29 maio 2021.

SCARAMUCCI, Matilde Virgínia Ricardi. Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 36, p. 11-22, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639310/6904>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SOUZA, Vânia Regina Alves. **Leitura em língua estrangeira (inglês) para elaboração de resumos documentários.** 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93714/souza\\_vra\\_me\\_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93714/souza_vra_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 10 mar. 2021.

SZMIGIERA, Magdalena. **The most spoken languages worldwide in 2021.** Statista, [S.l.], 30 mar. 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/266808/the-most-spoken-languages-worldwide/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Biblioteconomia. **Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia.** Belém: UFPA, 2009. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1Fgs2Z\\_R9eYGUhgrL-FdMZYpIJIM\\_H-xI/view](https://drive.google.com/file/d/1Fgs2Z_R9eYGUhgrL-FdMZYpIJIM_H-xI/view). Acesso em: 18 abr. 2021.